

## Entrevista com Freda Indursky:

“A pandemia correndo solta, sem medidas de proteção, sem vacina suficiente, sem um verdadeiro lockdown: essa é a nova concepção de genocídio, sem campos de concentração nem câmaras de gás.”

Vera Sommer<sup>1</sup>

O número diário de óbitos, em consequência do coronavírus, ainda gira em torno de dois mil no Brasil, enquanto o processo de imunização, iniciado tardiamente após um ano de pandemia no país, segue a passos lentos, atingindo cerca de 20% da população brasileira com a aplicação da primeira dose – principalmente das vacinas da Pfizer e Astrazeneca. Apesar dessa situação gravíssima, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) investe seu tempo e sua energia na campanha eleitoral para 2022. A imprensa nacional costuma expor a situação precária dos hospitais públicos no atendimento aos infectados, e vem acompanhando de perto o desenrolar da CPI da Pandemia, instaurada pelo Senado para investigar a (ir)responsabilidade do governo federal no agravamento da doença no Brasil. Sobre este contexto, a professora Vera Sommer conversa com **Freda Indursky**<sup>2</sup>, professora titular e convidada que atua junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), ministrando disciplinas e orientando doutorandos, cujos projetos se inscrevem na Linha de Pesquisa Análises Textuais e Discursivas. Nesta entrevista, realizada por e-mail entre os dias 26 e 31 de maio de 2021, Freda afirma que as redes sociais se tornaram um espaço propício para o gabinete de ódio, que divulga fake news, distorce fatos, incita os seguidores a manifestarem-se com violência, ataca as instituições, colocando a democracia permanentemente em perigo. A docente também adianta que, “com a política desse despresidente e de seus sucessivos ministros

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul, Campus Pedra Branca (2017); Mestre em Comunicação Social, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/POA (2003), Especialista em Estudos Culturais, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (1998), e Bacharel em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos (1983). Atua desde 1996 como professora titular da Universidade do Vale do Itajaí (Campus Itajaí) no curso de Jornalismo, orientando trabalhos de Iniciação Científica e de Conclusão de Curso, relacionados a Mídia, Ética, Moda e Cultura.

<sup>2</sup> Licenciada em Letras pela UFRGS (1965), Freda possui Licence en Lettres - Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Besançon (1967); Maîtrise en Lettres - Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Besançon (1970); e Doutorado em Ciências da Linguagem, pela Universidade Estadual de Campinas (1992). A professora divulga suas pesquisas em periódicos científicos nacionais e internacionais, organiza livros, publica capítulos de livros e lança obras próprias, tais como "A fala dos quartéis e as outras vozes" (Ed. da UNICAMP) e "O discurso do/sobre o MST: Movimento social, sujeito, mídia" (Ed. Pontes).

da Saúde, a mortandade que estão patrocinando servirá para diminuir os gastos com a aposentadoria dos idosos, inúteis para o deus mercado. [...] trata-se da implementação de uma necropolítica”. Confira, a seguir, a entrevista na íntegra.

**Pergunta:** No seu ensaio intitulado “O TEATRO DO GROTESCO COMO CENÁRIO DA DESCONSTRUÇÃO DO BRASIL”, publicado na Revista da Abralin, em 2020, a professora aponta diferenças entre os adeptos que sustentam o atual governo federal. Quais são, como se manifestam esses grupos e para que eles servem ao presidente Jair Bolsonaro?

Os apoiadores são aqueles que deram suporte à candidatura de B. Refiro-me a suporte financeiro, pois tinham interesse na política neoliberal que o candidato iria seguir, ao apontar Guedes como seu conselheiro econômico e futuro Ministro da Economia, política que certamente iria no sentido inverso à política econômica de um eventual governo PT. São silenciosos e invisíveis, com exceção do proprietário da Havan que se vestia e ainda veste com terno verde periquito. Esse mesmo empresário que colocava todos seus funcionários em ordem unida, vestidos de verde e amarelo... Os apoiadores estavam interessados em alguém que privatizasse tudo e fizesse as reformas e desonerasse seus gastos sociais... Diria que há entre eles e B. um acordo: “Faça o que queremos e te apoiaremos”. Não há uma identificação de fato. Ao contrário. Se *contraidentificam*<sup>3</sup> com B. mas estabeleceram uma aliança com ele porque ele oferecia o projeto de Brasil que desejavam. Os apoiadores são muito heterogêneos mas podem ser englobados sob a denominação genérica de empresários. Os seguidores, ao contrário, são ruidosos. Muito visíveis. Comparecem sempre que convocados, fazendo grandes manifestações. Comparecem com frequência frente ao “cercadinho”. Juntam-se a B em seus passeios de moto. Fazem carreatas... São bastante heterogêneos também. Vão desde os que pedem de volta a ditadura militar até os que vêm em sua truculência uma autorização para serem truculentos também. Necessitam de um líder que autorize o racismo, a violência, a misoginia que trazem dentro de si. Identificam-se plenamente com seu “líder”, se refletem nele. Se realizam a cada vez que ele ofende um antagonista. Eles são importantes porque eles são fiéis, não se *desidentificam*<sup>4</sup>. Permanecem fiéis. São sua verdadeira base de apoio. B. começou com eles antes de crescer nas intenções de votos. E os seguidores permanecem com seu “mito”, agora que as intenções de votos diminuíram drasticamente.

**Pergunta:** Há inúmeros casos recentes de boicote, assédio, humilhação, ofensa do presidente Bolsonaro a jornalistas no cumprimento diário de seu trabalho. Um dos exemplos é o da jornalista Patrícia Campos Mello, autora do livro “A máquina do ódio: notas de uma

<sup>3</sup> As noções *identificação* e *contraidentificação* foram formuladas por Michel Pêcheux, em seu livro *Semântica e Discurso* (Ed. da UNICAMP, 1988).

<sup>4</sup> A noção de *desidentificação* também foi formulada na obra citada na nota 1.

repórter sobre fake news e violência digital”, lançado em 2020. Ela discute como as redes sociais vêm sendo manipuladas por líderes populistas, como campanhas de difamação se comparam a uma censura, terceirizada por robôs no Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp, cujas investidas têm nas jornalistas mulheres suas vítimas preferenciais. Como entender esse discurso do ódio ao outro, no caso, às mulheres? Indica uma espécie de revanche ou ressentimento por parte de homens e até de mulheres que não suportam a ascensão delas na profissão ou algo do gênero?

O discurso de ódio não é privativo de B., é bom que se sublinhe isso. Antes dele, o candidato derrotado por Dilma, surtou de ressentimento e ódio e foi lá que tudo começou<sup>5</sup>. As redes são um lugar interessante para difundir o discurso de ódio, pois nelas, o sujeito pode se manter no anonimato. Ele “apenas” repassa. Quanto a B, ele já atacava as mulheres antes mesmo de ser candidato à presidência. Sobre sua própria filha, afirmou que “veio uma mulher porque deu uma fraquejada”. Atacou sua colega, Deputada Maria do Rosário, dizendo que “não a estuprava porque ela não merecia, por ser feia”. Parafraseando: segundo ele, “Só mulheres belas *merecem* ser estupradas”. Ou seja: o estupro não é um ato infame praticado contra a mulher. Para B., é uma distinção à mulher, um tributo a sua beleza... Depois de chegar à presidência, as mulheres jornalistas se tornaram seu alvo. Mas não apenas as mulheres. Diria que os jornalistas, em geral, são seu alvo preferido. Basta observar como responde aos que se postam no “cercadinho” e se atrevem a dirigir-lhe perguntas constrangedoras. Lá, para esquivar-se de perguntas incômodas, se permite ofender a quem ousa confrontá-lo, seja atingindo o jornalista em sua sexualidade, seja referindo-se de forma desrespeitosa à sua mãe, seja ainda ameaçando “dar uma porrada em sua boca”... Mas, em nossa atual conjuntura, as redes se tornaram um espaço propício para o gabinete de ódio que funciona conectado ao seu. Através dele, atacam inimigos políticos, difamam os desafetos, como é o caso da jornalista Patrícia Campos Mello. Mas não só: o gabinete de ódio divulga *fake news*, distorce fatos, incita os seguidores a manifestarem-se com violência, ataca as instituições, colocando a democracia permanentemente em perigo...

**Pergunta:** Além disso, o presidente Jair Bolsonaro costuma se valer de palavrões em seus discursos públicos, além de desqualificar os seus antagonistas políticos. Os estudos científicos via análise de discurso podem nos ajudar a compreender essa sua postura?

---

<sup>5</sup> Analisei o ressentimento que gerou o discurso do ódio no artigo Os (des)caminhos do discurso político brasileiro na contemporaneidade, publicado em 2016, no livro organizado por E. Grigoletto e Fabiele De Nardi - A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas - e editado pela Pontes.

No artigo que publiquei na Revista da ABRALIN<sup>6</sup>, que você referiu na primeira pergunta, procurei observar a linguagem de B. Nela encontram-se amalgamadas várias camadas de sentidos: sentidos que remetem ao nazismo, outros que fazem referência ao fascismo. E outros, ainda, que fazem ressoar a ditadura militar da qual é um filhote mal enjambrado. Seu discurso é constantemente atravessado pela memória desses diferentes períodos autoritários e/ou totalitários, constituindo o que naquele ensaio designei de *língua fascista*. Quanto aos palavrões, parecem-me ser o eco de sentidos que circularam nos porões da ditadura militar brasileira. Lá os presos políticos eram não só torturados fisicamente, mas também pela linguagem, como forma de quebrá-los moralmente. É isso que ressoa em seu linguajar fascista, quando joga palavrões aos adversários políticos. Assim procedendo, sente o *prazer perverso*<sup>7</sup> de colocar-se na posição-sujeito de torturador.

**Pergunta:** No texto intitulado “O mal estar na política e na cultura brasileira hoje”, que data de 2018, a senhora faz uma imbricação teórica entre Discurso e Psicanálise, numa alusão aos escritos de Freud para falar do discurso social em circulação no país à época das eleições presidenciais. É possível afirmar que esse mesmo discurso se mantém atual e vigente? Como?

Em 2018, havia um forte sentimento de mal-estar<sup>8</sup> na política e na cultura. Hoje, esse mal-estar encontra-se no corpo social de forma muito mais intensa. Não apenas por conta de tudo o que já aponte nas respostas acima, mas sobretudo em função da pandemia que assola o mundo. No Brasil, a pandemia escancarou, entre várias questões, todo o desrespeito e indiferença que esse despresidente mostra pelo povo que está morrendo. Pela falta de solidariedade frente à dor do outro, a dor de famílias que enterraram seus mortos sem deles se despedir. Pela forma como se permite debochar dos que morrem sem ar, imitando-os. Do modo como esse desgoverno valoriza a economia em detrimento da vida do povo brasileiro.

**Pergunta:** E a mídia brasileira como está agindo em relação ao governo Bolsonaro? A cobertura jornalística realizada por veículos de comunicação tradicionais como Folha, Estadão, Globo e agora CNN, pode ser considerada mais crítica e mais no caminho do cumprimento de seu papel social de informar a sociedade sobre fatos e ações que afetam diretamente a vida, a economia, a saúde e a cultura do país?

Em trabalhos anteriores<sup>9</sup>, analisei o funcionamento da grande mídia impressa, televisiva, eletrônica. Naqueles diferentes momentos da vida política brasileira, a grande mídia funcionava

---

<sup>6</sup> Revista da Abralín, n.19, v.1, 2020.

<sup>7</sup> MALISKA em Gozo(s): do sintoma ao sinthome. (Pontes, 2017)

<sup>8</sup> Freud em o Mal-estar na Cultura.

<sup>9</sup> 1. O momento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos publicado no livro Análise de discurso em rede: cultura e mídia, v. 3, organizado por Giovanna Flores et alii e editado pela Pontes em 2017.

à semelhança de um aparelho jurídico: veiculava uma informação parcial, seletivamente vazada pelo jurídico, julgava e condenava por antecipação. Ou seja: havia uma aliança entre o aparelho jurídico e o da informação<sup>10</sup>. Esse “julgamento” passava, por um regime de repetibilidade, a ser veiculado como informação, produzindo um “efeito de verdade”, através do qual a opinião pública era formada. Pêcheux<sup>11</sup>, ao relacionar as noções de *Forma-sujeito* e *preconstruído*, sublinha que se trata de uma relação do tipo “todo mundo sabe”. A imprensa produz esse efeito de preconstruído pelo regime de repetibilidade, de modo que “todo mundo sabe quem é ladrão”, “quem é corrupto”, *etc.* Após a eleição de B., a situação mudou. Não porque a grande mídia tenha finalmente entendido quem B. de fato é. Isso ela já sabia. Mas sua atuação durante o período pré-eleitoral ajudou a eleger B. Ela também considerava que era melhor esse candidato do que a volta do PT ao poder, subestimando o candidato que ajudou a eleger. Fez a escolha entre dois diferentes projetos de Brasil. Após as eleições, B. começou a atacar a grande mídia e a ofender e ameaçar os jornalistas. Esse foi o estopim que deflagrou a mudança radical das empresas de informação. Hoje, até concordamos e compartilhamos matérias assinadas por quem antes atacava sistematicamente os governos PT. Como exemplo, cito os artigos de Reinaldo Azevedo e os comentários de Miriam Leitão, para apenas destacar dois deles. Atualmente, vemos nos grandes jornalões e na mídia televisiva críticas ao desgoverno atual. Mas não nos enganemos: a mídia não mudou seu posicionamento político e vai fazer de um tudo para evitar que o PT volte ao poder em 2022, embora tenha sido muito bem tratada pelos governos desse partido. A grande mídia se voltou contra B. apenas porque este ameaçou seus interesses econômicos. Em decorrência disso, ela tem sido útil para dar visibilidade aos desmandos do governo de B., o que se reverte em benefício à opinião pública. No entanto, ela continua a mesma, tanto no que concerne aos grandes jornalões quanto aos noticiários televisivos. E as manifestações desse 29 de maio deixam isso muito claro, haja vista a primeira página desses jornais. Dentre eles, apenas a Folha de São Paulo deu o destaque que essas manifestações merecem. Os demais se limitaram a uma breve observação, num cantinho inferior da página, quase invisível, ou nem mencionaram. E o Jornal Nacional dedicou um tempo ínfimo a elas. O contraste com as grandes mídias internacionais é gritante. Portanto, a grande mídia está longe de cumprir seu papel social que deveria ser o de informar sem distorcer ou omitir. Para sorte nossa, ela não está alinhada a B. no momento atual, em que estamos mergulhados em uma pandemia que está longe de ser controlada, caso contrário, o caos social seria ainda maior.

**Pergunta:** Na área do ensino superior, temos acompanhado a debandada de pesquisadores de diferentes áreas para outros países e a estagnação de pesquisas de ponta em função do sucateamento das universidades públicas e de cortes abruptos em seus orçamentos

---

2. Discurso, mídias e formas de resistência publicado no Livro Análise de Discurso em rede: cultura e mídia, v. 4, Organizado por Giovanna Flores et alii e editado pela Pontes em 2019.

<sup>10</sup> Althusser em Aparelhos ideológicos de Estado.

<sup>11</sup> Pêcheux em Semântica e discurso.

por parte do governo federal. Qual o ônus sócio-político-econômico-cultural desse cenário para o futuro da educação superior brasileira?

As consequências serão trágicas, pois sem produção de conhecimento, por falta de verbas para ensino e pesquisa, em breve estaremos importando tudo. Voltaremos a ser dependentes dos grandes centros de produção de conhecimento. Estaremos de joelhos, pagando pesadamente para obter o que estiver sendo produzido lá fora. É uma volta ao passado nem tão distante assim... Para dar uma ideia, o Brasil pagava *royalties* para produzir pasta de dentes. Será um estado de dependência total. Um Estado suicidário, como muito bem apontou Safatle<sup>12</sup>.

**Pergunta:** O Brasil está com cerca de 20% da população vacinada contra o coronavírus, enquanto países como Reino Unido e EUA já estão praticamente voltando ao normal, com vacinação até de turistas. Há um descaso do governo Bolsonaro em relação à pandemia e à vacinação, uma vez que sequer campanhas nacionais têm sido veiculadas pela mídia?

Em trabalho anterior, ainda no prelo, apontei que, com a política desse despresidente e de seus sucessivos ministros da saúde, a mortandade que estão patrocinando servirá para diminuir os gastos com a aposentadoria dos idosos, inúteis para o deus mercado. Os trabalhadores que continuam na ativa morrerão e serão substituídos imediatamente pelos desempregados, diminuindo os gastos com o seguro desemprego. Além disso, diminuirá os gastos com o auxílio emergencial. Sei que a resposta pode soar de modo cínico, mas trata-se da implementação de uma necropolítica, como aponta Mbembe<sup>13</sup>. A pandemia correndo solta, sem medidas de proteção, sem vacina suficiente, sem um verdadeiro lockdown: Essa é a nova concepção de genocídio, sem campos de concentração nem câmaras de gás. Apenas a aglomeração natural das pessoas, sem nenhuma proteção. O vírus fará o resto. E as mortes se acumulam.

**Pergunta:** A secretária de Gestão do Trabalho e da Educação do Ministério da Saúde, Mayra Pinheiro, conhecida como “capitã cloroquina”, prestou depoimento à CPI da Covid e admitiu que a pasta federal orientou médicos de todo o país para que adotassem o tratamento precoce com hidroxicloroquina, sem eficácia comprovada contra o coronavírus. Já foram ouvidos pela mesma CPI os ex-ministros da Saúde, tais como Mandetta, Taich e Pazuello, bem como o atual Marcelo Queiroga. Esse tipo de iniciativa por parte do legislativo federal pode conduzir a uma futura responsabilização do governo federal por negligência e ou omissão na condução do processo de enfrentamento da pandemia? E mais, essa CPI contribui de alguma forma para que

<sup>12</sup> SAFATLE, V. *Bem-vindo ao Estado suicidário*. n-1 edições, n.4. <http://www.n-1edicoes.org>. Acesso em 10.06.2020.

<sup>13</sup> MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

**a sociedade compreenda melhor o que que aconteceu e o que tem acontecido no país em relação ao enfrentamento tímido da Covid?**

Esse é um governo que não presa a ciência. Sabemos isso desde seu início: não vamos esquecer que entre seus membros havia, até bem pouco tempo, defensores do terraplanismo. Esse é um governo que ataca as Universidades, espaço de produção de conhecimento e pesquisa. Esse é um governo cujo despresidente, sem nenhum conhecimento científico, defende ferrenhamente o uso da hidroxicloroquina, contrariando todas as orientações médicas. Esse é um governo que derrubou seu primeiro ministro da saúde, um médico que estava tomando todas as providências necessárias para enfrentar a pandemia, em consonância com as orientações mundiais e que, por não acatar as vontades de B., caiu. O mesmo sucedeu com o médico que o substituiu. Por fim, o terceiro ministro, um general que funcionou como ajudante de ordens de B., cumpriu à risca as ordens do Capitão. E agora, todos os personagens implicados estão sendo ouvidos. Muita gente está atenta ao que está sendo dito. Mas não podemos daí inferir que a massa dos brasileiros está prestando atenção. A alienação é bastante forte na massa dos brasileiros. Eles precisam sobreviver e não dispõem de tempo para controlar o desgoverno. Não sou cientista política, sou uma analista de discurso. Então, vou voltar a pensar a partir das posições-sujeito que analisei na primeira resposta. Creio que os apoiadores, aqueles invisíveis e silenciosos, estão desaparecendo e a reserva eleitoral de B. está se dissolvendo. Basta observar como o número dos que desaprovam seu governo está aumentando. Mas 30% ainda consideram seu governo bom. Essa é sua base eleitoral, seu verdadeiro capital político. Esses são os seguidores. Eles não são suficientes para elegê-lo. Mas não podemos esquecer que a propagação de informações falsas, através de robôs, potencializa enormemente a divulgação da política de ódio e a desinformação. Essas máquinas funcionaram muito bem nas últimas eleições. Creio que foram elas que ajudaram B. a se eleger. Voltarão a funcionar eficientemente em 22? Isso não sei. Mas arriscaria a dizer que, se as eleições presidenciais fossem hoje, B. não seria eleito novamente. Mas, estamos a um ano das eleições de 22 e muita coisa pode ocorrer e alterar o cenário político atual.

**Pergunta: O presidente da República, Jair Bolsonaro, e inclusive o seu staff, tem aparecido em inúmeras situações públicas sem máscara, causando aglomerações e desafiando as orientações da própria OMS. Que discurso é esse? O da negação da ciência? Do descaso com os próprios médicos? Como interpretar essa postura do representante maior da Nação frente à pandemia?**

Essa é a postura de quem defende a chamada imunidade de rebanho e que já foi comprovado ser ineficiente frente a esse vírus que sofre mutações constantes e em curto período de tempo.

**Pergunta:** A campanha presidencial para 2022 tem tomado conta dos recentes debates na mídia com o ressurgimento do ex-presidente Lula como possível candidato pela esquerda, ainda mais com seu mais recente encontro com Fernando Henrique Cardoso, do PSDB. O retorno de Lula, que ficou preso durante quase dois anos, ao cenário político brasileiro como principal antagonista de Bolsonaro pode reconduzir o país àquela polarização entre esquerda e direita que havia durante as eleições de 2018?

Essa é uma pergunta que um cientista político responderia melhor do que eu. Mas vou arriscar algumas considerações. Há um problema sério no campo da esquerda brasileira. Falta o desejo de unir-se e, antes de indicar um candidato comum, desenhar um programa que todos defendam. Ficariam de fora as questões específicas de cada partido para poderem se unir e lutar juntos. Mas pelo que vejo, por enquanto, essa união está longe de acontecer. Então, creio que teremos um primeiro turno com muitos candidatos concorrendo e um segundo turno polarizado, sim. A menos que Lula continue crescendo e vença ainda no primeiro turno... A ver...